

João Dallamuta
Luiz César de Oliveira
Henrique Ajuz Holzmann
(Organizadores)



Administração, Empreendedorismo e Inovação 4

João Dallamuta
Luiz César de Oliveira
Henrique Ajuz Holzmann
(Organizadores)



Administração, Empreendedorismo e Inovação 4

Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A238	Administração, empreendedorismo e inovação 4 [recurso eletrônico] / Organizadores João Dallamuta, Luiz César de Oliveira, Henrique Ajuz Holzmann. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Administração, Empreendedorismo e Inovação; v. 4) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-774-1 DOI 10.22533/at.ed.741191111 1. Administração. 2. Empreendedorismo. 3. Inovações tecnológicas. I. Dallamuta, João. II. Oliveira, Luiz César de. III. Holzmann, Henrique Ajuz. IV. Série. CDD 658.421
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Esta obra é composta por pesquisas realizadas por professores de cursos de gestão. Optamos por uma abordagem multidisciplinar por acreditarmos que esta é a realidade da pesquisa em nossos dias.

Optamos pela separação em áreas amplas de conhecimento. No volume 1, trabalhos com uma abordagem empreendedora. No volume 2, trabalhos com vertentes em comportamento do consumidor e mercados. E no volume 3 uma abordagem gerencial ampla.

A realidade é que não se consegue mais compartimentar áreas do conhecimento dentro de fronteiras rígidas, com a mesma facilidade do passado recente. Se isto é um desafio para trabalhos de natureza mais burocrática como métricas de produtividade e indexação de pesquisa, para os profissionais modernos está mescla é bem-vinda, porque os desafios da multidisciplinariedade estão presentes no mercado e começam a ecoar no ambiente mais ortodoxo da academia.

Aos autores e editores, nosso agradecimento pela oportunidade de organização da obra, críticas e sugestões são sempre bem-vindas.

Boa leitura

João Dallamuta
Luiz César de Oliveira
Henrique Ajuz Holzmann

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: DELINIAMENTO DE AÇÕES DIDÁTICAS PARA GESTORES EMPREENDEDORES	
Creuza Martins França Jair de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7411911111	
CAPÍTULO 2	13
ALICERCES DO DESENVOLVIMENTO: CULTURA EMPREENDEDORA E REDES DE SUPORTE AO EMPREENDEDORISMO (ECOSSISTEMA)	
Audemir Leuzinger de Queiroz Celia Lima Paradela	
DOI 10.22533/at.ed.7411911112	
CAPÍTULO 3	25
DESAFIOS E FACILIDADES QUE IMPACTAM NA CRIAÇÃO DE <i>STARTUPS</i>	
Antonio Aparecido de Carvalho Maria do Socorro de Souza Milton Carlos Farina	
DOI 10.22533/at.ed.7411911113	
CAPÍTULO 4	44
EMPREENDEDORISMO COMPORTAMENTAL NA GERAÇÃO Z: UM ESTUDO COM ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PROFISSIONALIZANTE	
Henrique Pereira da Silva Jorge Lucas Nogueira Valter de Souza Pinho	
DOI 10.22533/at.ed.7411911114	
CAPÍTULO 5	56
EVOLUÇÃO DA POLÍTICA PÚBLICA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NO BRASIL	
Patricia Gava Ribeiro Vanessa Ishikawa Rasoto	
DOI 10.22533/at.ed.7411911115	
CAPÍTULO 6	75
O EMPREENDEDORISMO E O EMPREENDEDORISMO SOCIAL: UM ESTUDO DA ÁREA RURAL	
Antonio Costa Gomes Filho Roni Antonio Garcia da Silva Luana da Silva Garcia Christlaine Caroline de Souza Adriane de Fátima Machado	
DOI 10.22533/at.ed.7411911116	

CAPÍTULO 7	82
ESTUDO DAS ESTRATÉGIAS GENÉRICAS DE PORTER NO POLO SETORIAL MOVELEIRO DO OESTE DE SANTA CATARINA	
José Valci Pereira Rios Rodrigo Barichello	
DOI 10.22533/at.ed.7411911117	
CAPÍTULO 8	98
FATORES DETERIMANTES PARA O SUCESSO EM NOVOS EMPREENDIMENTOS	
Douglas Schmidt Tania Marques Tybusch	
DOI 10.22533/at.ed.7411911118	
CAPÍTULO 9	110
IMPACTO DO CUSTO BRASIL NO DESENVOLVIMENTO DAS ORGANIZAÇÕES	
Gilmar Antônio Vedana Gilmar Ribeiro de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.7411911119	
CAPÍTULO 10	123
EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL	
Claudio Alvim Zanini Pinter Domingos Pignatel Marcon Marcelo Miguel da Silva Marilene da Rosa Lapolli Bárbara Beatriz da Silva Domingos	
DOI 10.22533/at.ed.74119111110	
CAPÍTULO 11	136
DESENVOLVIMENTO DE DISCIPLINA EAD PARA ALUNOS DE PÓS- GRADUAÇÃO: “EMPREENDEDORISMO DE BIOPRODUTOS”	
Cesar Augusto de Oliveira Júnior Rui Seabra Ferreira Junior Ana Silvia Sartori Barraviera Seabra Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.74119111111	
CAPÍTULO 12	145
AS PERSPECTIVAS DE CRESCIMENTO DO NEGÓCIO COM A FORMALIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DO CRESCIMENTO DE MEI NO BRASIL	
Marcelo da Costa Borba Josefa Edileide Santos Ramos Maria do Carmo Maracajá Alves Jose Eduardo Melo Barros Luiz Gustavo Lovato João Armando Dessimon Machado	
DOI 10.22533/at.ed.74119111112	
CAPÍTULO 13	158
AS INFLUÊNCIAS DA LIDERANÇA NOS AMBIENTES ORGANIZACIONAIS	
Osnei Francisco Alves	

Eliete Cristina Pessôa

DOI 10.22533/at.ed.74119111113

CAPÍTULO 14 173

ANÁLISE DO PROCESSO DECISÓRIO EM FUNDOS TECH VENTURE CAPITAL
SOB A ÓTICA DE FINANÇAS COMPORTAMENTAIS

Eduardo da Costa Ibrahim

DOI 10.22533/at.ed.74119111114

CAPÍTULO 15 195

COMO É EMPREENDER EM PERÍODOS TURBULENTOS: UM ESTUDO DO
COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR BRASILEIRO EM PERÍODO DE CRISE

Ellen Carvalho Alves

Paulo Roberto Alves

Cristina Becker Matos Nabarro

Marcos Antonio Maia de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.74119111115

CAPÍTULO 16 207

IMPLANTAÇÃO DA EMPRESA JÚNIOR DO CURSO BACHARELADO EM
AGROINDÚSTRIA

Maycon Fagundes Teixeira Reis

Edilaine Alves da Silva Santos

Everton Oliveira Cassemiro Aragão

Fabiana Oliveira da Silva

Claudia Regina Lima Cruz

Claudenice dos Santos

Graciele de Souza Aragão

Katydyane da Silva Sá

Flávio Américo Fernandes de Oliveira

Fábio de Melo Resende

Danilo Santos Souza

Anny Kelly Vasconcelos de Oliveira Lima

DOI 10.22533/at.ed.74119111116

CAPÍTULO 17 220

ANÁLISE COMPARATIVA DA VIABILIDADE ECONÔMICA DA INSTALAÇÃO DE
ENERGIA SOLAR FOTOVOLTAICA EM UNIDADES FAMILIARES

José Barbosa Filho

Lucas Majedieu Damasceno da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.74119111117

CAPÍTULO 18 245

RELAÇÃO ENTRE STARTUPS E GRANDES EMPRESAS – COPORATE VENTURE
E ESTUDO DE CASO DE AQUISIÇÃO DE UMA STARTUP

Anna Patrícia Teixeira Barbosa

Arthur Guimaraes Carneiro

Débora Franceschini Mazzei

Eraldo Ricardo dos Santos

Fernanda Zambon de Carvalho

Higor dos Santos Santana

Krishna Aum de Faria

Marcus Vinicius Lopes Bezerra

DOI 10.22533/at.ed.74119111118

CAPÍTULO 19 262

REDES DE COOPERAÇÃO: TRAÇANDO UM NOVO MAPA CONCEITUAL

Franciani Fernandes Galvão Mulina

DOI 10.22533/at.ed.74119111119

CAPÍTULO 20 275

PERCEPÇÕES DE MICRO E PEQUENOS EMPRESÁRIOS QUANTO À UTILIDADE DE INFORMAÇÕES FINANCEIRAS

Deisy Cristina Corrêa Igarashi

Solange Pimentel

Wagner Igarashi

Flávia Mayara Segate

DOI 10.22533/at.ed.74119111120

CAPÍTULO 21 289

A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DAS FERRAMENTAS FINANCEIRAS NAS ORGANIZAÇÕES

Jean Gleyson Farias Martins

Jizabely de Araujo Atanasio Martins

Rodrigo José Guerra Leone,

Soraya Campos da Costa

Ricardo Vitor Fernandes da Silva,

Daniyel Ferreira de Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.74119111121

CAPÍTULO 22 302

ESTUDO SOBRE A GESTÃO DE RESÍDUO: PROPOSTA DE APLICAÇÃO DAS FERRAMENTAS 5S E FLUXOGRAMA NO AMBIENTE HOSPITALAR

Mariangela Catelani Souza

Elizângela Cristina Begido Caldeira

Bruna Grassetti Fonseca

Carlos Alípio Caldeira

Lygia Aparecida das Graças Gonçalves Corrêa

Anderson G. Penachiotti

Fausto Rangel Castilho Padilha

Patricia Cristina de Oliveira Brito Cecconi

Humberto Cecconi

Ana Paula Garrido de Queiroga

Tulio do Amaral Pessoa

Felipe Fonseca dos Santos Marques

DOI 10.22533/at.ed.74119111122

CAPÍTULO 23 314

PREVIDÊNCIA COMPLEMENTAR PARA O SERVIDOR PÚBLICO E GOVERNANÇA

Edson Wasem

DOI 10.22533/at.ed.74119111123

SOBRE OS ORGANIZADORES..... 347

ÍNDICE REMISSIVO 348

AS PERSPECTIVAS DE CRESCIMENTO DO NEGÓCIO COM A FORMALIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DO CRESCIMENTO DE MEI NO BRASIL

Marcelo da Costa Borba

Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Faculdade de Agronomia, Porto Alegre - Rio
Grande do Sul

Josefa Edileide Santos Ramos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Faculdade de Agronomia, Porto Alegre - Rio
Grande do Sul

Maria do Carmo Maracajá Alves

Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Departamento de Educação, Recife - Pernambuco

Jose Eduardo Melo Barros

Universidade Federal da Paraíba, Centro de
Ciências Sociais e Aplicadas, João Pessoa –
Paraíba

Luiz Gustavo Lovato

Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Faculdade de Agronomia, Porto Alegre - Rio
Grande do Sul

João Armando Dessimon Machado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Faculdade de Agronomia, Porto Alegre - Rio
Grande do Sul

RESUMO: Este artigo tem como objetivo identificar se há relação entre a formalização no Microempreendedor Individual (MEI) e o desemprego nas regiões metropolitanas brasileiras no período de janeiro de 2010 a dezembro de 2015. O MEI é caracterizado como autoempreendedorismo, um fenômeno

contemporâneo altamente valorizado principalmente em pequenas cidades brasileiras, configurando-se ainda, como uma nova característica no mercado de trabalho. A metodologia da pesquisa combinou estatística descritiva e multivariada com análise quantitativa por meio do modelo de Vetores Autorregressivos (VAR). Para a estimação do modelo foram utilizadas as series do índice de inscritos no MEI e a taxa de desemprego. Os resultados apontaram que há correlação do aumento do número de formalizados com o número de inscritos no MEI.

PALAVRAS-CHAVE: Microempresas. Empreendedorismo. Informalidade.

ABSTRACT: This paper aims to identify if it has relation between the formalization in Individual Microentrepreneurs (IM) and the unemployment in the Brazilian metropolitans regions at period of January of 2010 to December of 2015. The IM is characterized as auto entrepreneurship, a contemporary phenomenon highly valued mainly in small Brazilian cities, configuring itself still, as a new characteristic at the labor market. The research methodology combined descriptive and multivariate statistics with quantitative analysis by means of the model of Vector Autoregressive (VAR). To estimate the model were used series of the registers from the IM and the unemployment tax. The results

had pointed that it has correlation of the increase of the number of legalized with the number of enrolled in the IM.

KEYWORDS: Microenterprises. Entrepreneurship. Vectors Autoregressive.

1 | INTRODUÇÃO

A inclusão na atividade econômica dos microempresários tem sido um dos principais meios formais para que os trabalhadores tenham condições de pagar suas contas, além de significar independência e flexibilidade. As microempresas representam fontes legalizadas de seguridade a curto e longo prazos. Sendo elas responsáveis por mais da metade dos empregos existentes no país. Os microempreendedores individuais são formados por variados grupos de profissionais no Brasil, representando importante fonte geradora de emprego e renda no país. Essa classe de trabalhadores formalizados já ultrapassa o número de cinco milhões de adeptos, segundo a secretaria nacional da micro e pequena empresa – SMPE, no ano de 2016.

O empreendedorismo segundo Suisso (2006), tem sido uma solução temporária gerada pelos altos níveis de desemprego no Brasil. Muitas pessoas que perderam seus empregos encontram no mercado de pequeno porte uma alternativa para a obtenção de renda fixa todo mês. Isto reafirma que o profissional busca por alternativas para contornar os problemas financeiros sendo influenciados pela busca um novo enquadramento no mercado de trabalho. Uma destas formas é investir no seu próprio negócio, passando a ser considerado microempreendedor individual. Este setor está em fase de crescimento, tornando-o atrativo, não somente para os empreendedores, mas também para aqueles que buscam ocupação nestas empresas. Sendo assim, o objetivo desse artigo é analisar a relação do índice de inscritos no programa Microempreendedor Individual e a taxa de desemprego das regiões metropolitanas do Brasil. Intenta-se observar com o estudo, se há uma relação estável de longo prazo entre as duas variáveis, buscando inferir se o MEI, afeta ou não a taxa de desemprego. Assim, estabelecendo as relações causais e a intensidade da causalidade de uma variável para a com outra.

Esse artigo é composto por quatro seções: (i) fundamentação teórica, onde descreve sobre o microempreendedor individual, fatores da taxa de desemprego, procurando relacionar ainda o microempreendedor com o desemprego; (ii) metodologia, que apresenta o método empírico utilizado para análise dos dados; (iii) resultados obtidos com as amostras; e (iv) conclusões, onde são feitas as considerações finais do resultados.

2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção será contextualizada a teoria sobre o microempreendedor

individual e o desemprego no Brasil. De modo que servirá de aporte para uma melhor compreensão da temática desenvolvida. Assim, será possível abarcar os assuntos as perspectivas de crescimento do negócio a partir da sua formalização.

2.1 Microempreendedor Individual (MEI)

O Microempreendedor Individual (MEI) é a pessoa que trabalha por conta própria e que se legaliza como pequeno empresário. Segundo a Lei Complementar Federal 128-2008, para ser MEI, o empreendedor deve ter um faturamento bruto de no máximo sessenta mil reais por ano. Além de não ter participação em outra empresa como sócio ou titular e ter somente um empregado que receba o salário mínimo ou o piso da categoria (BRASIL, 2008). Quanto à contabilidade do “livro diário, razão e caixa”, estão dispensados. Entretanto não impede que o empreendedor possua controle de suas atividades como forma de aumentar o desempenho. Deverá, ainda, registrar mensalmente suas receitas, bem como manter em seu poder notas fiscais de compras e serviços (SILVA et al., 2010). O MEI é a modalidade com maior número de adesões de empreendedores, dentre os disponibilizados pelo Simples Nacional. A busca pela formalização gera benefícios e pagamento de imposto de forma unificada.

Assim, a Lei Complementar 128/2008 veio ao encontro dessa necessidade. Como incentivo à formalização, concedeu isenção das taxas de legalização e reduziu, expressivamente, os tributos devidos pelos empreendimentos com expectativa de receita bruta anual de até R\$ 60.000,00, que tenham apenas um funcionário e que não tenha participação em outra empresa como sócio ou titular (SILVEIRA; AVILA, 2014, p. 22).

Esta lei complementar fez com que houvesse o um enquadramento de muitos trabalhadores na categoria de microempreendedor individual. Uma oportunidade que possibilita uma nova perspectiva dentro do mercado de trabalho trazida pelo Governo Federal (SILVEIRA; TEIXEIRA, 2011). Outros autores afirmam que esse novo enquadramento em termo de empresário, trouxe muitas vantagens para quem optasse por essa categoria, como a isenção de muitas taxas de legalização ou mesmo redução do tributos(SOUZA; SCHAURICH, 2013). Em dados divulgados pela Secretaria Nacional de Micro e Pequena Empresa (SMPE), mostram que o Brasil atingiu cerca de cinco milhões de novos empreendimentos no mês de junho de 2015, como pode ser observado na figura 1.

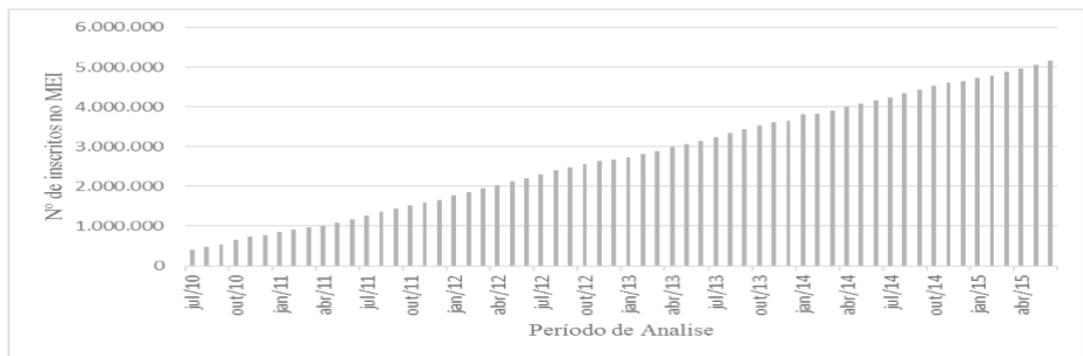


Figura 1. Nº de inscritos no MEI

Fonte: SMPE, 2015

Na figura 1, temos os dados referentes ao total de inscritos no MEI, nos últimos cinco anos. Estes números refletem as novas metodologias de políticas adotadas para empreendedores.

A partir da formalização, a empresa poderá fazer empréstimos bancários para crescer com taxas bem menores que as praticadas para as pessoas físicas. Além disso, estão previstos serviços bancários e linhas de crédito específicas para este público, bem como serviços gratuitos de capacitação e aprimoramento gerencial (SILVEIRA; TEIXEIRA, 2011, p. 229).

Interpõe-se que a função do empreendedor como um promovedor do desenvolvimento econômico vai além do aumento de produção e renda per capita, podendo, assim, iniciar e/ou constituir as mudanças na estrutura do negócio, sociedade, uma vez que ela será dividida dentre seus participantes (HISRICH; PETERS, 2004). Para o Sebrae (2013), o grande mérito do programa empreendedor individual é fortalecer um setor da economia que tem forte impacto positivo no nível de formalização e na geração de emprego nas diferentes regiões do País. Dessa forma, uma avaliação política precisa de antes de tudo, identificar a relação entre o setor beneficiado pelo programa e a formalização e geração de empregos. Corseuil, Neri e Ulyssea (2011) ressaltam que as condições criadas pela lei influenciam fortemente nas decisões de formalização de empreendedores de microempresas. O que parece ser confirmado com o avanço dos registros do Microempreendedores Individuais. Desde que passaram a ser realizados em julho de 2009 e totalizavam até julho de 2016, pouco mais de cinco milhões de empreendedores em todo o país.

2.2 Desemprego no Brasil

Nos últimos anos a medição do desemprego no Brasil tem apresentado aumento. Isto permite indicar que, no estágio atual do capitalismo brasileiro, uma das possíveis soluções é cortar processo como forma de enxugamento da força de trabalho, acrescido às mutações sociotécnicas no processo produtivo e na organização do controle social

do trabalho (ANTUNES; POCHMANN, 2006). Os dados da PME (Pesquisa Mensal de Emprego) comprovam que nas regiões metropolitanas aproximadamente 20% dos desempregados estão nesta situação há um ano ou mais. Consequência direta desta circunstância é a inabilidade que o indivíduo tem em obter renda no período de “não-emprego”, impossibilitando a renda familiar. Logo, a medida que prolonga esta condição desfavorável, reduz a possibilidade do ingresso do trabalhador no mercado, prejudicando a autoestima e a motivação na busca de um novo emprego (REIS, M.; AGUAS, 2014).

Para Moretto e Proni (2011), os estudos demonstram que a crise financeira internacional, iniciada fortemente em setembro de 2008, apresentou impactos bastantes significativos no Brasil. Com a crise o setor de consumo, produção e mercado de trabalho, apresenta uma elevação expressiva do desemprego, redução salarial média, maior desproteção social e as piores condições de trabalho dos últimos anos. Para Soren e Jorgensen (2016), as transformações têm gerado nos empreendedores uma busca maior por alternativas que viabilizem a possibilidade de sobrevivência à margem da dinâmica econômica sustentada pelo mercado formal no Brasil. Guimarães e Azambuja (2010) afirmam que as transformações no sistema de globalização, tem feito com que o emprego assalariado passe por uma fase menos atraente e mais complicada para os indivíduos que possuem capacidade de realização não padronizadas de atividades, por pessoas que tem conhecimento técnico. Estes profissionais centralizam suas ações na descoberta de mercados voltados a potencializar suas habilidades.

2.3 Microempreendedor Individual e o desemprego no Brasil

Há evidências de que o trabalho informal e as ocupações precárias estão se reduzindo com o passar dos anos. Assim como o mercado de trabalho brasileiro está apresentando um grande dinamismo na geração de empregos protegidos por leis trabalhistas (MORETTO et al. 2011). Nesta perspectiva o programa de Microempreendedor individual tem correspondido à expectativa dos órgãos responsáveis por sua criação. A formalização tem colocado de volta a seguridade trabalhista, profissionais que estão no mercado de trabalho sem sua formalização. Isto afeta não só quem já tem uma atividade, mas aquelas pessoas que estão saindo do mercado para abrir seu próprio negócio (GRIMM; PAFFHAUSEN, 2015; SCHMIDT, 2007).

Conforme Singer (2003), o essencial em relação ao desemprego e o empreendedor individual, é que as atividades passam a serem exercidas não mais pelo grande capital monopolista, e sim por pequenos empresários, trabalhadores autônomos etc; o que transforma postos de trabalho de empregos formais em ocupações oferecendo garantias e direitos previdenciários a curto e longo prazo.

Para Chatterjee e Das (2016) as microempresas contribuem significativamente

para o aumento do potencial da região de geração de emprego e de desenvolvimento. Muitos dos problemas sociais como a pobreza, desemprego podem ser reduzido com a expansão do setor do MEI. Pois garantem oportunidade de formalização junto a órgãos previdenciários, assim como auxílios caso necessários (seguro desemprego, auxílio maternidade). No Brasil, há uma significativa proporção de pessoas participantes do programa Microempreendedor Individual, tornando-se forte o suficiente para melhorar a renda de muitas cidades. As microempresas tem demonstrado que o empreendedorismo pode mudar o panorama do desemprego em todo o país (AL MAMUN; EKPE, 2016).

3 | METODOLOGIA

Esta pesquisa pode ser caracterizada como “quantitativa, de base econométrica”. A abordagem metodológica deste trabalho baseia-se na utilização do modelo de auto regressões vetoriais (VAR), modelo este aplicável em séries temporais. O VAR é um modelo linear que trata de uma única equação, ou seja, prescinde estar atrelado a uma teoria econômica para a formulação e, em princípio, todas as variáveis do modelo são endógenas, interagindo entre si. Segundo Maddala (2003), o modelo VAR é um ponto inicial muito útil na análise de inter-relações entre as diferentes séries temporais. No estudo das relações entre duas variáveis econômicas, um passo fundamental é buscar identificar a relação de causalidade. Existem diversos exemplos, em que duas ou mais variáveis apresentam uma evolução altamente correlacionada, mas que não necessariamente exista uma relação de causalidade entre as mesmas. Granger (1969) propôs um conceito de causalidade, conhecido como causalidade de Granger.

O teste de causalidade de Granger é realizado a partir do modelo VAR de ordem P entre as variáveis X e Y , o qual identifica quem causa quem, podendo ocorrer uma das seguintes situações: causalidade unidirecional de X para Y , unidirecional inversamente de Y para X , causalidade bilateral ou realimentação, quando há causalidade nos dois sentidos de X para Y e de Y para X e, finalmente, independente, quando os coeficientes de ambas as regressões não são estatisticamente significativos (GURJARATI; PORTER, 2011). O teste de causalidade de Granger foi usado neste estudo como um ponto de partida para a análise das relações entre os inscritos no MEI em todo o Brasil e a taxa de desemprego nas regiões metropolitanas. Para esta análise foi considerado o teste de bilateral, quando há causalidade nos dois sentidos de X para Y e de Y para X . O primeiro passo, para realizar o teste de causalidade de Granger bilateral, foi verificar se as séries são estacionárias. Como os dados analisados trata-se de séries temporais, optou-se pela utilização do teste de raiz unitária Augmented Dickey-Fuller (ADF) que é um dos testes mais utilizados em estudos dessa natureza. Apesar de grande parte das séries econômicas serem não-estacionárias, podem ser diferenciadas uma ou mais vezes, resultando em séries estacionárias.

Logo após o teste ADF, se for provado que as séries são não-estacionárias e que possuem uma relação de equilíbrio de longo prazo, então, será necessário verificar o número de defasagens (*lags*) que será utilizado para estimar o modelo VAR. Com todas as séries temporais transformadas em logaritmos, adotou-se aquele com o menor valor do critério de Akaike, este pode ser identificado com a presença do asterisco. A fórmula geral do modelo é descrita como:

$$Y_{it} = \alpha + \sum_{i=1}^n \alpha_{it} Y_{it-j} + \sum_{i=1}^n \alpha_{it} X_{it} + \varepsilon_{it}$$

Onde, Y_t é a variável exógena, Y_{it-j} são os valores defasados da variável dependente, X_{it} é uma matriz de variáveis incluídas no modelo, quando $X_{it} = (X_{1t}, X_{2t}, \dots, X_{nt})$ α é um vetor de parâmetros do modelo e, ε_{it} são as perturbações aleatórias não correlacionadas entre si. O VAR possui três variedades: forma reduzida, recursiva e estrutural. Neste trabalho foi considerada duas series históricas com os valores mensais no período de julho de 2010 a junho de 2015. Sendo a primeira relacionadas ao índice de inscritos no programa microempreendedor individual em todo o Brasil, disponibilizado na base de dados da secretaria nacional da micro e pequenas empresas (SMPE). E a taxa de desemprego nas regiões metropolitanas nos últimos cinco anos, disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O programa computacional utilizado para as análises das series foi o RATS 7.0 (Regression Analysis of Time Series) e IBM SPSS Statistics V22.0.

4 | RESULTADOS DA PESQUISA

4.1 Base de dados e estatísticas descritivas

Nas figuras 2 e 3, pode-se perceber as estatísticas o índice de inscritos no programa MEI e a taxa de desemprego nas regiões metropolitanas, desta forma a apresentar o período onde se procura investigar. Na figura 2, temos os dados referentes à variação do número de inscritos no MEI, nos últimos cinco anos.

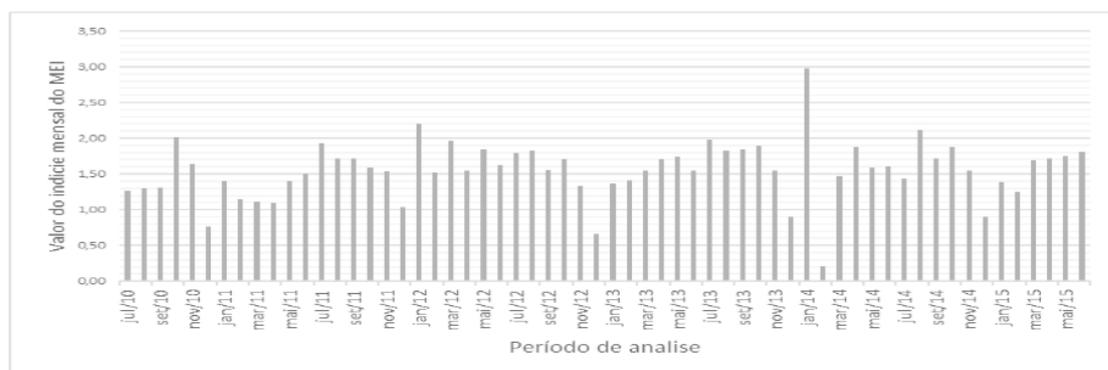


Figura 2. Índice de variação de inscritos no MEI

Fonte: SMPE, 2015

Na figura 3, os dados referentes a taxa de desemprego nas regiões metropolitanas (Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo), desde junho de 2010 até junho de 2015.

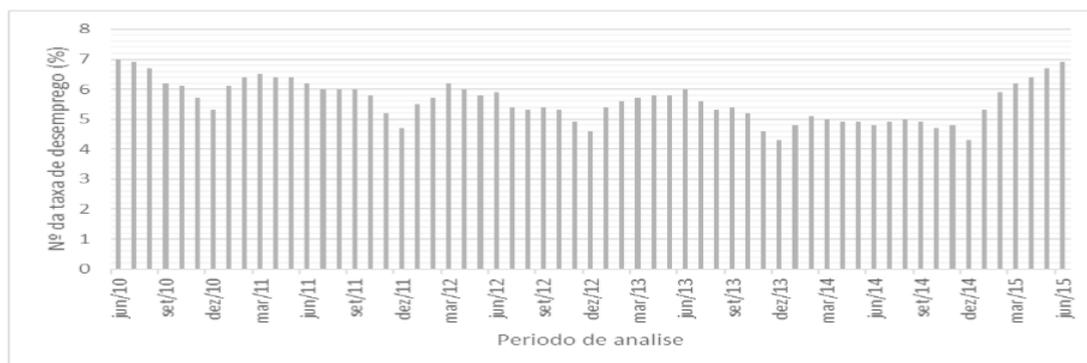


Figura 3. Índice de desemprego nas regiões metropolitanas

Fonte: BCB, 2015

O quadro 1, apresenta a estatística descritivas das duas variáveis com abrangência no período onde se procura investigar evolução/involução entre os períodos.

	Média	Desvio padrão	Nº Obs.
MEI	0,01554	0,00409	60
DESEMPG	0,05580	0,006579	60

Quadro 1. Estatística descritiva

Fonte: Pesquisa direta, 2015

Como pode ser observado no quadro acima, as duas séries temporais apresentam médias próximas, com maior expressão para a do MEI. Já se tratando do desvio padrão a primeira série apresenta valor inversamente proporcional ao da media, pois aparece com menor valor significativo. Inicialmente foi realizado o teste de raiz unitária para verificar a estacionariedade das séries, optou-se para tanto, pelo teste de Dickey-Fuller Aumentado (ADF). Verificou-se que as séries temporais MEI e DESEMPG não são estacionárias. No entanto, o mesmo teste, a partir da primeira diferença, reportou estacionariedade para as séries ao nível de 5% de significância. Sendo integradas de ordem I (1).

Após constatar a estacionariedade das séries, partiu-se para a identificação do número de defasagens (*lags*). Para esse teste optou-se pelo critério de informações de Akaike. O resultado indicou duas defasagens, estas informações podem ser identificadas pela presença do asterisco. Desta forma foram utilizadas estas duas no modelo VAR. A abordagem inferencial, sob o modelo VAR, requereu alguns procedimentos preliminares, nos quais já se delineiam alguns posicionamentos

destas variáveis. Um destes procedimentos é investigar as relações causais entre as variáveis (MEI e taxa de desemprego), através do teste de causalidade de Granger, como pode ser observado no quadro 2. Desta forma rejeita-se a hipótese nula de não haver causalidade de Granger.

F-Teste da variável dependente MEI		
Variáveis	F-Statistic	Significância
MEI	21.9355	0.0000001
DESEMPG	0.3636	0.6969076
F- Teste da variável dependente DESEMPG		
MEI	2.4009	0.1006197
DESEMPG	1.9825	0.1480051

Quadro 2. Causalidade de Granger

Fonte: Pesquisa direta, 2015

Através da análise de causalidade de Granger constatou-se uma dependência da variável MEI com ela mesma. De modo que a mesma variável não possui significância do a variável DESEMPG. Por outro lado, ao analisar a correlação da variável DESEMPG, identificou-se que ela possui independência em relação às duas variáveis. Prosseguindo com a análise, a próxima etapa é a estimação da modelagem VAR. Sendo assim, torna-se possível a análise das funções impulso-resposta, as quais permitem verificar os efeitos de choques (variações) de preços num determinado mercado sobre os demais mercados analisados no estudo (SOREN; JORGENSEN, 2016). Na análise de variância da variável MEI, o primeiro período corresponde à totalidade, 100% do índice de inscritos. Já no período 10 há uma constante em 99,6 %. Este percentual se mantém até o final da série, sendo acompanhado pela estabilidade do no período 14 do erro.

<i>Step</i>	<i>Std Error</i>	MEI	DESEMPG
1	0,00448989	100,000	0,000
10	0,00625220	99,608	0,392
14	0,00625242	99,608	0,392
40	0,00625242	99,608	0,392

Quadro 3. Decomposição da Variância do MEI

Fonte: Pesquisa direta, 2015

No quadro 2, são apresentados a decomposição da variância da variável DESEMPG, em que diferente da análise da primeira variável, apresentou no primeiro período um impulso resposta de 91,3 %, sendo estabilizado no décimo período, com porcentagem 86,9 %. Já o erro apresenta estabilidade no décimo segundo período.

Step	Std Error	DESEMPG	MEI
1	0,00332053	91,306	8,694
10	0,00354035	86,980	13,020
12	0,00354037	86,980	13,020
40	0,00354037	86,980	13,020

Quadro 4. Decomposição da Variância DESEMPG

Fonte: Pesquisa direta, 2015

4.2 Análise dos resultados

Após análise da base dos dados e estatística descritiva, temos as análise dos resultados. Esta análise passou pelo teste de causalidade de Granger, e um enfoque sobre estacionariedade, como pré-requisito das séries temporais para desenvolver-se um trabalho com o modelo VAR, todos devidamente visualizados via gráficos e quadros, chegando ao estágio da pesquisa no qual surgirão as influências autorregressivas das variáveis trabalhadas.

Na Figura 4, temos o comportamento em resposta ao choque nas variáveis dependentes no qual analisa a influência com o passar do tempo. Esse fenômeno segundo Matos e Lemos, (2009) significa que “os choques se dissipam sem gerar efeitos permanentes, uma característica necessária para que a modelagem de correção de erros seja adequadamente especificada e estimada”.

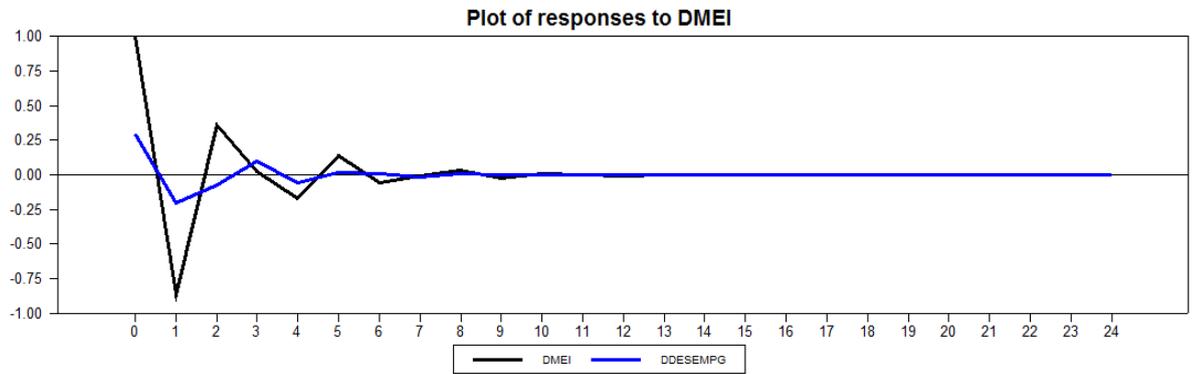


Figura 4. Análise resposta da variável MEI

Fonte: Pesquisa direta, 2015

Ao observar a figura 4, podemos identificar que a variável MEI, apresenta variação seguidas tanto positiva como negativa, esta variação é seguida de forma mais agressiva pela variável DESEMPG. Sendo que a primeira variável passa a seguir o processo de estacionariedade no período cinco, enquanto a segunda somente no período nove.

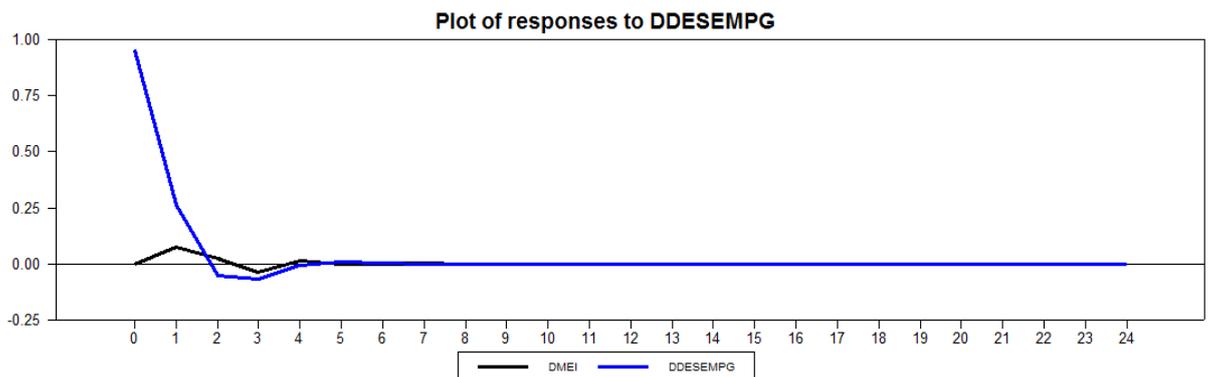


Figura 5. Análise resposta da variável DESEMPG

Fonte: Pesquisa direta, 2015

A figura 5, apresenta a análise resposta da variável DESEMPG, nela pode-se uma queda nos primeiros dois períodos, chegando a ficar negativa, no entanto volta a ser positiva e estacionaria no período quatro. Seguindo outra lógica a variável MEI, apresenta pequena crescimento no período um, após isto seguiu de forma leve a primeira variável, mantendo-se estável também no período quatro. Esses resultados são trazidos nesta secção, unicamente pelos números, mas que terão seus reflexos de conjunturas macroeconômicas a seguir abordadas na conclusão deste trabalho.

5 | CONCLUSÕES

Esta análise considerou a comparação de duas séries temporais de

mesma natureza, mas com abrangência, diferentes, índice de formalização do microempreendedor individual e a taxa de desemprego nas regiões metropolitanas. Tendo o intuito de encontrar no período de cinco anos, 2010 a 2015, as relações autorregressivas entre essas variáveis, utilizando o modelo VAR, um modelo alternativo aos estruturais e dinâmicos. Sendo assim, a correlação da variável MEI, apresentou significância. Fator este pode ser caracterizado por o programa do microempreendedor individual ser considerado novo, teve seu início no segundo semestre de 2009. Conseguindo boa adesão principalmente nos dois últimos anos, e impulsionando o abandono da informalidade principalmente de empreendedores individuais, para se formalizar perante órgãos trabalhistas.

Outro ponto a ser considerado é que a maior adesão ao programa microempreendedor individual está localizada nas pequenas cidades, sendo nelas mais comum a abertura desse tipo de empreendimento. Já nas grandes regiões metropolitanas, onde são medidos os índices de desemprego, o programa não teve boa aceitação, principalmente pelo fato do limite anual de declaração ser considerado baixo. Portanto, segundo os dados do programa, tende a se expandir impactando economicamente nas pequenas cidades, onde existe maior número de empreendedores individuais. Um desses fatores está relacionado a divulgação pelos próprios microempresários sobre as benfeitorias do MEI, perante os demais. Assim como, existem por parte de órgão como o serviço de apoio à micro e pequenas empresas – Sebrae, campanhas para expandir o programa microempreendedor individual.

REFERÊNCIAS

- AL MAMUN, A.; EKPE, I. **Entrepreneurial traits and micro-enterprise performance: a study among women micro-entrepreneurs in Malaysia**. *Development in Practice*, v. 26, n. 2, p. 193–202, 2016.
- ANTUNES, R.; POCHMANN, M. **Dimensões do desemprego e da pobreza no brasil**. *Revista de Gestão Integrada em Saude do trabalho e meio ambiente*, v. 3, n. 2, 2006.
- BRASIL. **Da presidência da república**, 2008. Disponível em: <Lei Complementar n?. 128 de 19 de dezembro de 2008>
- CHATTERJEE, N.; DAS, N. **A Study on the Impact of Key Entrepreneurial Skills on Business Success of Indian Micro-entrepreneurs: A Case of Jharkhand Region**. *Global Business Review*, v. 17, n. 1, p. 226–237, 2016.
- CORSEUIL, C. H. L.; NERI, M. C.; ULYSSEA, G. L. **Uma análise exploratória dos efeitos da política de formalização dos microempreendedores individuais**. 2011.
- GRANGER, C. W. **Investigating causal relations by econometric models and cross-spectral methods**. *Econometrica: Journal of the Econometric Society*, p. 424–438, 1969.
- GRIMM, M.; PAFFHAUSEN, A. L. **Do interventions targeted at micro-entrepreneurs and small and medium-sized firms create jobs? A systematic review of the evidence for low and middle**

income countries. Labour Economics, v. 32, p. 67–85, 2015.

GUIMARÃES, S. M. K.; AZAMBUJA, L. R. **Empreendedorismo high-tech no Brasil: condicionantes econômicos, políticos e culturais.** Revista Sociedade e Estado, v. 25, n. 1, 2010.

GURJARATI, D. N.; PORTER, D. C. **Econometria Básica.** São Paulo: AMGH, 2011.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. **Empreendedorismo.** São Paulo: Atlas, 2004.

MADDALA, G. S. **Introdução à Econometria.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MORETTO, A. J.; PRONI, M. W. **O desemprego no Brasil: análise da trajetória recente.** Economia e Desenvolvimento, v. 10, n. 1, p. 7–35, 2011.

REIS, M.; AGUAS, M. **Duração do desemprego e transições para o emprego formal, a inatividade e a informalidade.** Economia aplicada, p. 35–50, 2014.

SCHMIDT, M. C. **Microenterprise Development Program Success : a Path Analysis of Factors That Lead To and Mediate Client Success.** Journal of Developmental Entrepreneurship, v. 12, n. 1, p. 47–69, 2007.

SEBRAE, S. B. DE A. ÀS M. E P. E. **Análise do perfil do Microempreendedor Individual (MEI).** Brasília: SEBRAE, 2013.

SILVA, A. B. DA et al. **Um estudo sobre a percepção dos empreendedores individuais da cidade de Recife quanto à adesão a lei do micro empreendedor individual (LEI MEI - 128/08).** Revista da Micro e Pequena Empresa, v. 4, p. 121–137, 2010.

SILVEIRA, J. P.; AVILA, L. A. **Política pública para formalização do Microempreendedor Individual (Lei 128/2008): considerações sobre sua formulação, implementação e efeitos.** Journal of Chemical Information and Modeling, v. 53, n. 9, p. 1689–1699, 2014.

SILVEIRA, J. P.; TEIXEIRA, M. R. DE C. **Empreendedor individual e os impactos pós - formalização.** Revista do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão, v. 1, n. 8, p. 223–252, 2011.

SOREN, C. K. M.; JORGENSEN, S. B. **How do entrepreneurs' characteristics influence the benefits from the various elements of a business incubator? Introduction.** Journal of Small Business and Enterprise Development, v. 23, n. 1, 2016.

SOUZA, R. F.; SCHAURICH, C. M. **Empreendedor individual: impactos financeiros para o Brasil.** Revista Ajes, n. 4, 2013.

SUISSO, F. **Trabalho informal no Brasil contemporâneo.** Revista eletrônica da faculdade de direito de campos, v. 1, n. 1, 2006.

SOBRE OS ORGANIZADORES

João Dallamuta - Professor assistente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Graduação em Engenharia de Telecomunicações pela UFPR. MBA em Gestão pela FAE *Business School*, Mestre pela UEL. Doutorando pelo INPE na área de pesquisa de gestão de projetos e produtos espaciais. Trabalha com os temas: Inteligência de mercado, Engenharia da Qualidade, Planejamento Estratégico, Empreendedorismo.

Luiz César de Oliveira - Professor adjunto da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)- Campus Cornélio Procópio. Graduação em Economia, Especialista em Economia Empresarial pela UEL e Mestrado em Desenvolvimento Econômico pela UFPR. Doutorado em andamento em Economia, Gestão e Tecnologia pela Universidade de Coimbra - Portugal. Trabalha com os temas: Economia, Gestão e Desenvolvimento Econômico, Empreendedorismo e “Triple Helix”.

Henrique Ajuz Holzmann - Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Graduação em Tecnologia em Fabricação Mecânica e Engenharia Mecânica pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Doutorando em Engenharia e Ciência dos Materiais pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Trabalha com os temas: Revestimentos resistentes a corrosão, Soldagem e Caracterização de revestimentos soldados.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ações didáticas 1, 2, 5

Agricultura familiar 75, 76, 77, 78, 80, 217

ANEEL 220, 221, 224, 228, 229, 230, 231, 232, 243, 251, 252

C

Características comportamentais empreendedoras 44, 54

Competitividade 38, 40, 45, 59, 64, 68, 69, 74, 95, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 213, 246, 251, 268, 269, 273, 290, 303, 304

Cooperação 23, 66, 163, 262, 263, 264, 266, 267, 268, 270, 271, 272, 273, 274, 318, 346

CT&I 56, 59, 60, 61, 62, 66, 70, 71, 72

Cultura empreendedora 13, 15, 16, 17, 23, 210

Custo Brasil 110, 111, 112, 113, 114, 117, 118, 119, 120, 121, 122

D

Desafios 2, 8, 11, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 39, 40, 44, 47, 51, 52, 55, 98, 99, 102, 103, 105, 108, 109, 116, 121, 136, 138, 158, 159, 162, 163, 171, 175, 177, 208, 213, 222, 223, 226, 240, 244, 250, 255, 263, 269, 318

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 45, 46, 47, 48, 49, 54, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 76, 80, 83, 86, 99, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 118, 120, 121, 136, 138, 139, 141, 144, 148, 150, 157, 159, 164, 171, 174, 177, 198, 204, 208, 209, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 223, 225, 232, 240, 244, 246, 247, 250, 251, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 266, 268, 270, 271, 272, 273, 276, 281, 283, 289, 290, 291, 299, 300, 308, 312, 315, 316, 318, 323, 324, 327, 330, 340, 344, 345, 346

Desenvolvimento organizacional 110, 216, 217

Dívidas 32, 123, 125, 295

E

Ecossistemas 13, 23, 255, 256

Educação 1, 2, 4, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 17, 20, 54, 55, 64, 80, 96, 100, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 136, 142, 144, 145, 158, 164, 169, 207, 208, 214, 218, 274, 301, 317, 331, 342

Educação a distância 1, 12, 136, 144, 274

Empreendedor 4, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 24, 26, 27, 28, 30, 31, 37, 38, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 75, 76, 80, 81, 98, 99, 100, 102, 105, 106, 107, 109, 137, 138, 141, 147, 148, 149, 157, 174, 175, 176, 193, 195, 197, 198, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 212, 213, 216, 219, 247, 248, 255, 258, 261, 288

Empreendedorismo rural 75, 77, 80

Empreendedorismo social 11, 21, 77, 98, 100, 109, 208, 217

Empreendimento 30, 33, 37, 39, 40, 98, 99, 102, 107, 108, 109, 156, 176, 197, 198, 204, 231, 255, 257

Energia convencional elétrica 220, 235, 236
Energia solar fotovoltaica 220, 222, 223, 224, 225, 232, 236, 237, 240, 241, 242, 243, 244
Equity 21, 173, 174, 177, 178, 179, 180, 182, 187, 191, 192, 193, 250, 314
Estratégia 9, 11, 31, 34, 38, 39, 64, 69, 72, 81, 82, 85, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 109, 125, 204, 253, 265, 270, 280, 287, 288, 297, 298
Estudos de validação 136

F

Finanças 19, 105, 123, 124, 127, 131, 134, 135, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 182, 191, 192, 193, 194, 245, 286, 287, 289, 290, 294, 297, 300, 335, 343
Finanças comportamentais 173, 174, 176, 177, 178, 182, 191, 192, 193, 194
Forças competitivas 84, 96

G

Geração Z 44, 45, 46, 48, 49, 53, 54
Gestão escolar 1, 2, 3, 4, 6, 11

I

Índice de Validade de Conteúdo 136, 138, 139, 140
Influência 17, 37, 47, 59, 84, 107, 154, 158, 160, 161, 165, 166, 167, 170, 182, 202, 272
Informalidade 21, 113, 145, 156, 157, 264, 269
Inovação aberta 246, 247, 250

L

Liderança 47, 71, 85, 86, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 209

M

Mercado 17, 18, 19, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 37, 38, 39, 40, 41, 59, 63, 65, 71, 72, 83, 86, 92, 100, 102, 103, 105, 106, 111, 114, 116, 119, 120, 126, 143, 145, 146, 147, 149, 153, 174, 175, 176, 177, 179, 181, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 203, 204, 205, 208, 209, 210, 211, 213, 216, 222, 228, 246, 247, 250, 251, 252, 253, 254, 258, 259, 261, 264, 265, 266, 268, 270, 278, 289, 290, 291, 300, 311, 340
Microempresas 145, 146, 148, 149, 150, 250
Móveis 82, 83, 84, 86, 87, 88, 96, 97
Mudança 99, 100, 158, 160, 161, 168, 170, 182, 249, 305, 306, 308, 315

N

Necessidade 1, 3, 4, 16, 27, 28, 29, 31, 39, 40, 46, 47, 59, 63, 65, 69, 72, 80, 93, 102, 105, 127, 140, 147, 190, 195, 196, 197, 198, 199, 202, 203, 204, 211, 230, 232, 238, 249, 267, 271, 277, 299, 301, 304, 305, 314, 315, 316, 318, 321, 325, 332, 333, 337, 340, 341, 344

O

Oportunidade 2, 27, 28, 29, 42, 51, 59, 99, 100, 106, 137, 147, 150, 162, 195, 197, 198, 200, 202, 203, 204, 206, 255, 256, 258, 309

P

Perfil 4, 7, 9, 11, 24, 45, 46, 50, 53, 54, 55, 78, 80, 105, 106, 109, 113, 157, 158, 159, 161, 166, 167, 170, 171, 182, 187, 204, 206, 215, 219

Política industrial 56, 57, 59, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 74

Porter 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 92, 96, 97, 122, 150, 157

Produtor rural 75

Propriedade intelectual 56, 62, 71, 72, 73, 245

R

Redes 13, 14, 17, 18, 19, 21, 22, 35, 48, 52, 59, 105, 108, 115, 218, 226, 246, 251, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274

Redes de cooperação 262, 263, 264, 266, 267, 268, 270, 272, 273

S

Startup 25, 26, 27, 29, 30, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 173, 174, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 187, 189, 190, 191, 245, 246, 253, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261

T

Tech venture capital 173, 174, 175, 191

Técnicas de análise de investimentos 220, 232, 233, 238, 240

Teoria da ancoragem 173

Teoria de representatividade 173

Teoria dos prospectos 173, 193

Tomada de decisão 5, 6, 52, 173, 174, 175, 176, 177, 191, 234, 275, 277, 278, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 290, 294, 298, 299

Turbulência 195, 198, 204

V

Venture capitalist 173, 174, 175, 176, 182, 191

Viabilidade econômica 220, 222, 243

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-774-1



9 788572 477741